

Educomunicação e mediação cultural



Genilson Conceição da Silva

*Mestre em Artes Visuais e doutorando em Artes Visuais
da Escola de Belas Artes – UFBA
Bolsista da Fapesb
E-mail: venas7@gmail.com*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir a experiência de Educomunicação desenvolvida entre 2007 e 2010 com Jovens da Comunidade de Plataforma em Salvador-BA. Intitulado Projeto Plataforma, essa iniciativa teve o patrocínio da Petrobrás e a realização do Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil, as atividades desenvolvidas envolveram a interpretação e valorização da cultura local utilizando recursos audiovisuais.
Palavras chaves: Educomunicação, vídeo, mediação, mídia.

Educommunication and cultural mediation

Abstract: The present paper aims to discuss an experience with Educommunication, developed between 2007 and 2010, with several group of youngsters from the Community in the district of Plataforma, in Salvador, Bahia, Brazil. Called Project Platform, this project was sponsored by Petrobrás, and the realization was sponsored by Brazil Roerich Peace Institute. The activities developed with this community were based on interpretation and appreciation of the local culture, using audiovisual resources.

Keywords: Educommunication, video, mediation, media.

Educomication et médiation culturelle

Résumé: Cet article vise à discuter l'expérience d' Educommunication développé entre 2007 et 2010 avec des Jeunes dans la Communauté de Plataforma à Salvador-BA. Ce Projet, intitulé *Projeto Plataforma* a été parrainée par Petrobrás et l'Institut Roerich de la Paix et Culture du Brésil. Les activités comportaient l'interprétation et réalisé par l'appréciation de la culture locale en utilisant les ressources audiovisuelles.

Mots-clés: Educommunication, vídeo, médiation, mídia.

Apresentação

Com base em mais de três mil e quinhentos estudos feitos por organizações e especialistas de vários países, a Unesco publicou em 1999 dois relatórios “A Criança e a Mídia e A Criança e a Violência na Mídia”, tais relatórios abordam varias questões relacionadas ao tema, dentre elas: a baixa qualidade dos conteúdos e a banalização do sexo e da violência veiculadas nos meios de comunicação. Os pesquisadores que participaram desse estudo, de escopo mundial, sinalizaram também para o que eles chamam de apartheid tecnológico, fenômeno que diz respeito não apenas à separação daqueles que possuem e daqueles que não possuem os meios de comunicação mas também refere-se à capacidade da criação de um imaginário midiático, que, no seu formato comercial, na maioria das vezes, marginaliza e discrimina as pessoas em situação de vulnerabilidade social, elegendo a periferia e o subúrbio como lugares da marginalidade. Dessa forma, os moradores dessas comunidades percebem desde a

infância suas identidades reforçadas diariamente pelos estereótipos criados pelos meios de comunicação, seja nas páginas policiais, seja nas abordagens sensacionalistas ou ainda na forma pasteurizada e sutil do horário nobre nos tele-jornais locais.

As mensagens estão condicionadas a um ciclo de narrativas repetitivas, nas quais os corpos, ao receberem informações condicionam suas respostas

Foram dados como esses que estimularam a pesquisa aqui descrita e que por sua vez resultou em um projeto de Educação que em 1999 teve sua primeira versão aprovada e financiada pelo Programa de Capacitação Solidária. O “Curso de capacitação para produção em vídeo e educação para a mídia e não violência” promovido pelo Instituto Roerich da Paz e Cultura do Brasil, uma organização não governamental que realiza ações e projetos voltados para promoção de uma cultura pacífica através da valorização da arte, aconteceu em primeiro lugar na comunidade do Jardim Cruzeiro – Salvador-BA, atendendo a jovens de baixa renda desse local. Devido a seu êxito, esse projeto foi novamente aprovado no ano de 2001 e aplicado na comunidade de Brotas, também em Salvador. Em ambas as experiências os jovens envolvidos no projeto utilizaram a tecnologia do vídeo como ferramenta de produção do seu imaginário e tais produções destacavam aspectos positivos de suas comunidades. Ambas as experiências foram selecionadas para apresentação durante a Quarta Cúpula Mundial de Mídia para crianças e adolescentes que ocorreu em 2004 no Rio de Janeiro.

De 2007 a 2010 o projeto ampliou o conceito para “Educomunicação e Mediação Cultural”, financiado pela Petrobrás e promovido novamente pelo Instituto Roerich. Essa versão da proposta ocorreu na comunidade de Plataforma, bairro do Subúrbio Ferrovário de Salvador, nesse período, em torno de 80 jovens entre 16 e 24 anos passaram pelo projeto com o objetivo de ressignificar a cultura local e através de recursos como vídeo e fotografia fomentar e divulgar o seu patrimônio material e imaterial.

● O corpo mediado

Muito se discute sobre o embotamento dos sentidos e a perda da sensibilidade. Sem dúvida, o bombardeio de imagens e sons a que o indivíduo está exposto no mundo contemporâneo contribui muito para isso. O sociólogo francês Jean Baudrillard em seu ensaio sobre os fenômenos extremos, intitulado – A transparência do mal – diz o seguinte:

A maioria das imagens contemporâneas, vídeo, pintura, artes plásticas, audiovisual, imagens de síntese, são literalmente imagens em que não há nada para ser visto, imagens sem vestígios, sem sombra, sem conseqüências. O que se apresenta é que por trás de cada uma, algo desapareceu (Baudrillard, 1992, p. 35).

Ocorre, portanto uma espécie de metástase imagética, onde uma multiplicidade de signos entra por nossas portas perceptivas e, no entanto, pouco se pensa sobre isso: Qual o valor simbólico de uma imagem? Por que ela existe? O que eu estou consumindo? Se dá uma espécie de ruptura entre o signo e o significado, na maioria das vezes, novas informações são multiplicadas e recebidas desprovidas de sentido substancial e fundamentado.

Já na década de 70, o proeminente teórico das mídias, Marshall McLuhan dizia que estamos nadando em mídia, inconscientes de seus efeitos psíquicos e sociais do mesmo modo que um peixe não tem

consciência da água que o rodeia. Ele utilizou a expressão “Narcose de Narciso” para descrever essa inconsciência do indivíduo diante da mídia televisiva.

Também na década de 70, o teórico alemão Harry Pross, estabeleceu o conceito de mídia primária relacionado ao corpo, ele considera o corpo como a primeira mídia, uma mídia orgânica e viva, por onde trafegam informações inerentes a ele mesmo através de um complexo sistema nervoso, além de outro complexo sistema de comunicação humana que ocorre no processo de troca com o seu semelhante e com o ambiente.

Em seu pioneiro e surpreendente livro de 1972, *Investigação da Mídia*, Pross classifica o corpo como a primeira mídia do homem, como mídia primária, aquela que funde em uma única pessoa conhecimentos especiais.

Sobre este aspecto Norval Baitello em seu ensaio “A mídia antes da máquina” traz a seguinte reflexão:

Eis a mídia primária. Impensável a qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos, sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, “frases” e “vocábulos” corporais. O franzir do cenho, as rugas e os vincos, o leve e sutil micro-gesto das sobrancelhas que acenam o dançar das mãos, o dar os ombros, os milhares de olhares, o muxoxo, o riso, o sorrir e o gargalhar, o choro e o choramingo, a infinidade de nuances de movimentos labiais, a voz e suas modulações, o sentar-se e o estar sentado, qualquer que seja o movimento ou sua ausência, haverá sempre um sentido, uma mensagem a ser lida por um corpo vivo diante de outro corpo (Baitello, 2004, p. 35).

Partindo desses pressupostos, educar para as mídias seria em primeiro lugar procurar entender o nosso próprio sistema de comunicação e de que forma plasmamos os nossos pensamentos através de nossas ações em diversos contextos; de que forma reagimos ao contato com o outro nas mais diversas situa-

ções? Como os nossos sentidos captam e devolvem as nossas impressões sobre o meio?

Do corpo reflexo ao corpo reflexivo

Muitas pesquisas têm se voltado para questões referentes ao corpo inserido na era tecnológica. Em meio a tantas informações, este corpo interage e responde na presença das diversas mensagens produzidas pelas mídias, estas, ao seu turno, se constituem num dos principais meios de difusão e capitalização de tendências de comportamento (Santaella, 2004, p. 127).

A finalidade da mensagem é alcançar os corpos e instaurar informações; a tecnologia proporciona o encontro ou reencontro desses a outros corpos. Qualquer que seja a dinâmica estabelecida, movimento ou paralisação, haverá sempre uma mensagem a ser lida por um elemento vivo diante daquele que se posiciona ou mesmo interage no fluxo informativo decodificado (Pross, 1971, p. 45). Na maioria das vezes tais mensagens estão condicionadas a um ciclo de narrativas repetitivas, nas quais os corpos, ao receberem tais informações, também acabam por condicionar suas respostas a esses estímulos; sendo assim, formas de pensar, agir e reagir, podem ser influenciadas pelas mais diversas mensagens produzidas através dos meios, determinando direta ou indiretamente o comportamento humano e suas respectivas consequências históricas.

“A percepção do corpo no aspecto geral e particular, fica dominada pelas telas de imagens encenadas” (Santaella, 2004, p. 131); contudo, na última década, os estudos sobre a influência da mídia no indivíduo e na sociedade vem estabelecendo um campo de investigação sistemática, revelando, entre outras coisas, o comportamento de crianças e adolescentes frente aos elementos da linguagem presentes no fluxo midiático, e que podem determinar o jeito de vestir, os temas sociais e os relacionamentos (Carlsson; Feilitez, 1999, p. 189).

Adquirir uma postura crítica diante das mídias pressupõe desenvolver no sujeito a capacidade de reconhecer o seu próprio corpo como um sistema de entrada e saída de informações, uma tecnologia de ponta que Harry Pross (1972) conceituou como sendo “mídia primária”; neste sentido, é preciso despertar uma espécie de consciência ampliada do sistema corpóreo humano, produzindo um corpo em constante ampliação de suas potências.

Para que o indivíduo se insira de forma ativa e crítica em meio à rapidez e a mistura de informações (verbais, visuais e sonoras), ele precisa entender como o seu corpo recebe, responde e re-elabora a sua relação com as mídias.

Educomunicação e mediação cultural: a experiência do Projeto Plataforma

Localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, o Bairro de plataforma conta com 55 mil habitantes é cercado pelo mar, por remanescentes da mata atlântica e possui cachoeiras e árvores centenárias, possui um rico patrimônio material e imaterial com monumentos históricos e manifestações de culturas populares. Dificilmente na mídia oficial haveria uma introdução desse tipo ao Bairro de plataforma, na verdade, apesar da informação ser verdadeira, causaria estranheza até para quem mora em Salvador e as vezes para quem mora no próprio bairro pois, o espaço na mídia oficial para o subúrbio é, na maioria das vezes, reservado a página policial.

Através do projeto Plataforma financiado pela Petrobrás e realizado pelo Instituto Roerich da paz e cultura do Brasil, 80 jovens entre 16 e 24 anos passaram por uma experiência de mediação cultural, entre 2007 e 2010, onde desenvolveram uma visão positiva da sua própria comunidade e através de ferramentas como fotografia e vídeo promoveram e fomentaram tais aspectos.

A experiência com a mediação cultural teve como objetivo sensibilizar os partici-

pantes para lidarem construtiva e criativamente com os tesouros culturais materiais (monumentos, ruas, reservas ambientais etc.) e imateriais (personagens e tradições, festas, folguedos etc.) pertinentes à sua comunidade, lançando mão de recursos tecnológicos (filmagem e edição, fotografia e internet) para registro, memória e divulgação voltados para o contexto local e para outros pontos das cidades.

Durante a experiência com a mediação cultural os jovens tiveram contato com aspectos como: cultura, identidade cultural, compreensão dos registros das várias culturas; percepção das diversas artes, o modo de operação de cada linguagem artística (teatro, música, literatura, artes plásticas etc.), compreensão dos trabalhos culturais voltados para a dinâmica própria de cada comunidade, percepção dos processos urbanísticos culturais na cidade, conhecimento da dinâmica e das intervenções urbanas, papel do agente cultural, ação cultural e a política cultural, tecnologias aplicadas -(filmagem, edição, fotografia digital, Internet), finalização de produto audiovisual, noções básicas de fotografia em equipamento digital, elaboração de páginas na Internet e educação patrimonial.

Do imaginário produzido à produção do imaginário

Através de pesquisas com metodologia de histórias de vida e histórias de família, o grupo de jovens do curso de Mediação Cultural do Projeto Plataforma identificou elementos da cultura local, foram reconhecidos variados patrimônios imateriais, representado pelas pessoas e/ou grupos da região. Com o auxílio da fotografia e do vídeo foi possível dar visibilidade a estes sujeitos, como por exemplo de:

José Elyoval ou simplesmente Seu Zelito, na época com 70 anos, pescador e morador antigo do local, trabalhou na antiga fábrica de tecidos FATBRAS, hoje tombada pelo IPHAN, e na construção da ponte de ferro

que liga o trem ao subúrbio ferroviário, presenciando sua inauguração por Getúlio Vargas. Participou das primeiras manifestações culturais do local, possuindo registro de memória de cantigas antigas e de nomes de grupos que já não existem mais, como o Terno de Reis, o Terno de Bois e outros e de lendas locais como o cavaleiro branco que acompanhava o trem.

No decorrer do projeto seu Zelito (José Elyoval) faleceu, não fosse os vídeos realizados pelos jovens de mediação cultural as histórias e saberes de seu Zelito não teriam nenhum registro.

Nélia Neves Barbosa, 64 anos, integrante do grupo Santa Mazonia, criado há 50 anos, composto por 60 senhoras, acima dos 65 anos. O grupo organiza um cortejo só de mulheres ornadas com chapéus que é embalado por cantigas, e percorre as ruas do bairro pedindo doação de alimentos para os moradores. No final, é feita uma grande refeição pelas integrantes dos grupos que compartilham o alimento com a comunidade e realizam doações para algumas instituições locais.

Péricles Bonfim de Santana ou simplesmente Perinho, 45 anos, se tornou referência no bairro através de seu propósito, escrever um livro nos muros da comunidade, contando histórias do local. O artista, através de investimento próprio em material, realiza

uma intervenção artística nos muros transformando-os em páginas de seu livro, em seu trabalho Perinho aborda questões históricas, sociais, políticas, culturais e de cunho filosófico em forma de prosa ou poesia, utilizando-se também de ilustrações. Alguns moradores convidam o artista para ornar as paredes de suas casas com pinturas ou escritos.

Tanto José Elyoval, Dona Nélia e Péricles Santana foram reconhecido pela fundação Gregório de Matos como mestres da cultura popular, através do material áudio-visual produzido pelos jovens do Projeto Plataforma e foram homenageados em cerimônia oficial no teatro ACBEU, em Salvador-BA.

Além dos registros em vídeos e fotografias os jovens do núcleo de mediação cultural desenvolveram um calendário com imagens do bairro e também um passeio turístico chamado plata-tour onde os visitantes podem visitar locais e falar com personagens da cultura local.

A apropriação crítica dos meios de comunicação pelos Jovens do Núcleo de Mediação Cultural do Projeto Plataforma possibilitou o desenvolvimento de uma postura mais questionadora e crítica frente aos discursos midiáticos oficiais que muitas vezes abordam de forma tendenciosa regiões da periferia e do subúrbio e também possibilitou o exercício de um olhar mais substancial e subjetivo para o bairro.

Referências

BAITELLO, Norval. A mídia antes da máquina. **Jornal do Brasil**. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/maquina.pdf>. Acesso em: 18 set. 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. Tradução Estela dos Santos Abreu. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von (Orgs.). **A criança**

e a violência na mídia. Tradução Maria Elizabeth Santo Matar, Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Cortez, 1999.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von (Orgs.). **A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez, 2002.

PROSS, Harry. **Medienforschung**. Munique: Habel, 1972.

SANTAELA, Lucia. **Corpo e comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004

